

PERCURSOS E TRAVESSIAS NO MORRO DA PROVIDÊNCIA: DESAFIOS DAS INTERAÇÕES SOCIAIS E ESPACIAIS NO JOGO FORMAL/INFORMAL

Caterine Reginensi*

Nicolas Bautès**

RESUMO

Esta contribuição propõe uma reflexão em torno do campo de pesquisa, cujas realidades em movimento são abordadas a partir de diferentes posturas disciplinares – antropologia e geografia – e de distintos momentos da construção do objeto em foco. Ao longo de oito anos de encontros e de travessias efetuadas pelos autores individualmente, ou em conjunto, na favela do Morro da Providência no Rio de Janeiro, pretendemos apresentar as evoluções das nossas preocupações que refletem uma transformação dos olhares dos observadores, assim como as mudanças sociopolíticas enfrentadas pelos atores, sejam moradores, instituições públicas ou representantes de movimentos sociais. Essa abordagem permite forjar uma ferramenta metodológica capaz de capturar as mudanças e as transformações do cotidiano urbano e, de maneira mais abrangente, para estudo das diferentes modalidades de apropriação do espaço.

Palavras-chave: Percursos. Jogos de poder. Interação social e Espacial. Favela. Morro da Providência.

INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, este artigo é fruto da reflexão de uma antropóloga e um geógrafo sobre a dinâmica e as transformações de um lugar chamado Morro da Providência, favela localizada na área portuária do Rio de Janeiro, amplo cenário de intervenções urbanísticas nos últimos anos, tendo como perspectiva temporal a efemeridade dos grandes eventos internacionais que se realizarão na cidade nos próximos anos. A monumentalidade das intervenções responde à necessidade política e econômica de criar uma cidade que possa atrair investimentos e turistas, e reforçar através da cultura o seu “capital simbólico coletivo” (HARVEY, 2008: 43) bem como sua atratividade internacional.

* Laboratoire de Recherche en Architecture, LRA, ENSAT Toulouse. E-mail creginensi@gmail.com

** Professor Adjunto em Geografia, Universidade de Caen Basse-Normandie (França). Pesquisador visitante (FAPERJ) no Núcleo de Pesquisa e Extensão Favela e Cidadania (FACI), Escola de Serviço Social, UFRJ (dezembro 2012-novembro 2013). Email: n.bautes@gmail.com

A partir das reflexões realizadas em conjunto com outras equipes que participaram da pesquisa comparativa intitulada “*La petite fabrique locale du développement durable*”¹, partimos do princípio de que a investigação deveria se focalizar na mobilização dos protagonistas da cena local em torno das mudanças enfrentadas no âmbito da imposição da postura frequentemente repressiva da Prefeitura do Rio de Janeiro diante dos moradores de favelas e dos vendedores ambulantes, todos considerados como agentes produtores de ilegalidade (LASCOURME, 2011). Cruzando os objetos de investigação, observamos como princípio comum a análise dos jogos dos atores envolvidos na esfera local, os recursos intelectuais, financeiros, materiais mobilizados por eles, além dos vetores de legitimação que emergem de níveis e escalas diferentes a partir das suas atuações.

A proposta deste texto é de revisitar uma parte desta pesquisa, dos primeiros momentos da investigação desenvolvida no Morro da Providência, enfocando mais especificamente a maneira na qual abordamos o campo, a partir de percursos, itinerários ou caminhos através do “tecido” urbano e social desta favela localizada na zona portuária do Rio de Janeiro. Este ponto de partida constitui um início de postura metodológica que abre a possibilidade de desenvolver uma reflexão sobre a cidade a partir da experiência dos pesquisadores que, como abordagem do seu trabalho, identificaram diferentes caminhos a percorrer em um determinado espaço/tempo. Cada um destes percursos define um “antes”, um “durante” e/ou um “depois” da pesquisa. Este posicionamento aponta a importância de tratar dos primeiros momentos da pesquisa, a chegada ao “campo”, que, na antropologia, delimita o espaço da investigação e o encontro com os outros no universo da favela e nos espaços coletivos (REGINENSI, 2012). Do lado da geografia, o primeiro momento da investigação no local enquadra a análise das marcas tanto materiais quanto simbólicas da apropriação social do espaço urbano. Antes de tudo, consideramos, conforme a geógrafa francesa Anne Volvey, o campo como “espaço de uma prática” (VOLVEY, 2003).

Os processos de mudança urbana e sociopolítica que vem enfrentando a favela Morro da Providência há uma década, sob efeito de amplos programas de reabilitação urbana – o mais importante ocorrido no ano 2005, Favela-Bairro – são marcados por importantes mudanças materiais e simbólicas que conduzem à transformação da memória social da comunidade e as representações deste bairro na cidade e no nível internacional (BAUTES, 2008). Além dos processos que caracterizam este espaço ao longo dos últimos oito anos, quando começamos a investigar no local, o campo Morro da Providência torna-se hoje central, para o geógrafo e para a antropóloga, na elaboração de uma reflexão sobre o “olhar” e

o “método” de observação e de análise que foram desenvolvidos, como pretexto para debater lugares, situações, movimentos, conforme propõe o antropólogo francês Michel Agier (AGIER, 1999).

Nossa reflexão pretende, de maneira concomitante, estimular um debate ao redor da dupla dimensão formal/informal nos processos sociopolíticos urbanos. Considerando que as trajetórias individuais ou coletivas dos atores, tanto na área do trabalho quanto, de uma forma mais abrangente, nas sociabilidades que geram (PERALDI, 2001), combinam práticas oficiais e não oficiais e/ou legais/ ilegais, decidimos, como ponto de (re) partida, observar para além do contexto marcado por intervenções urbanísticas de tipo neoliberal que podem alterar a objetividade da pesquisa, como as coisas são efetivamente feitas na cidade (BRENNER; THEODORE, 2005). Esta maneira de entender e descrever as práticas dos atores nos seus lugares de atuação, permite articular escalas globais e locais, as categorias de ação em jogo sem, necessariamente, ter que opor os registros formal/informal, e sem fazer referência diretamente ao conceito de “informalidade”, que pode obstruir o entendimento dos complexos laços que estruturam as tramas urbanas e as experiências humanas (HART, 2006).

Este artigo se articula em torno do relato de três momentos, que materializam três percursos. Este recorte esconde múltiplas caminhadas que nos levaram a chegar e circular no Morro, que constroem tempos diferentes de pesquisas, consolidando o que chamamos a essência das observações realizadas no Morro da Providência entre 2006 e 2013. Cada um destes percursos possibilita, ao nosso ver, um entendimento transversal das características principais enfrentadas pelos moradores e outros atores envolvidos na vida cotidiana da favela. Cada itinerário se apresenta como uma ferramenta metodológica para entender as diferentes temporalidades que caracterizam, em cada período, a dinâmica social e urbana na favela que pesquisamos. Os dois primeiros expressam de algum modo a familiarização com o lugar. O terceiro, mais recente, ilustra a maneira como, no contexto de mudanças nas políticas urbanas, que a partir de 2008 estão sendo inextricavelmente articuladas à política de segurança pública, a pesquisa foi evoluindo, reforçando a preocupação em analisar de maneira mais específica os jogos de poderes entre grupos atuantes no local.

Para facilitar a leitura, o relato que segue está estruturado em torno de uma narrativa que personaliza as experiências dos coautores neste lugar de pesquisa. O uso da primeira pessoa do singular refere-se, de acordo com o contexto, a um ou ao outro. Portanto, além dos itinerários de cada um dos pesquisadores, a presente contribuição resulta da co-construção da análise.

PERCURSOS E TRAVESSIAS NO MORRO DA PROVIDÊNCIA

Primeiros passos. O lugar, seus códigos de entrada, as problemáticas dos seus moradores: a “fábrica” do olhar (Setembro de 2006 e Setembro de 2009)

Os primeiros passos no Morro da Providência aconteceram no tempo dos pós-doutoramentos dos coautores no Rio de Janeiro, ambos integrantes do Núcleo de Pesquisa e Extensão Favela e Cidadania (FACI-ESS/UFRJ). Neste período, duas pesquisas principais foram desenvolvidas no âmbito desse Núcleo de Pesquisa: uma situava-se na orla de Copacabana (REGINENSI, 2010), e a outra no Centro e na Zona Portuária, incluindo o Morro da Providência, campo de uma pesquisa definida em conjunto pela equipe. Foi assim que me disponibilizei para “visitar” o Morro da Providência. Para chegar de ônibus da Zona Sul, peguei o nº 126 que me deixou na Cidade do Samba. Caminhei até uma das entradas do Morro pela Rua da Gamboa. O espaço parecia desértico, vários ônibus atravessavam a rua. Nenhum sinal de vida humana. O acesso da favela contempla um mural de azulejos da artista Françoise Schein: “No Caminho Dos Direitos Humanos”



Figura 1 - “No Caminho Dos Direitos Humanos”.

Fonte: Reginensi, 2012.

Essa seria a minha primeira imagem do lugar. Perdi a foto, e fotografei a parede de novo, em 2012.

Esperei Maurício, morador do lugar e fotógrafo, interlocutor privilegiado do Nicolas, para subir o morro. As visitas deviam ser agendadas anteriormente, a circulação na favela era, nesse momento um assunto sensível, no contexto de uma alta conflitualidade entre narcotraficantes e forças policiais. Era preferível não marcar subidas às sextas-feiras, considerado o dia de maior movimento tanto pela atividade do tráfico de drogas, quanto nas incursões da polícia na favela.

Aproveitamos este tempo de espera para falar dos atores que marcam a vida social no Morro da Providência: a Associação dos Moradores do Morro da Providência e a ONG Favelarte, cujo fundador e responsável é o Maurício. As duas organizações compartilhavam o mesmo local, na rua da Gamboa.

Estes primeiros elementos de discussão contribuíram para divulgar e compartilhar os eixos principais da pesquisa acerca dos efeitos da política de renovação urbana desenvolvida na favela no âmbito do programa Favela Bairro, estendido com a implementação do “Museu a céu aberto” pela Célula Urbana, órgão associado ao Gabinete do Prefeito Cesar Maia (BAUTES, 2008). Através do encontro com Maurício, me familiarizei com a atuação de uma parte dos atores. O Favelarte organizava, há alguns anos, ateliês fotográficos com crianças da favela na dupla ambição de fomentar uma reflexão sobre a memória do lugar e de estimular identificações sociais das crianças com o seu bairro. O trabalho da ONG foi exposto na estação de metrô Luxemburgo em Paris em 2005, no âmbito do “Ano do Brasil na França”, o que proporcionou uma maior visibilidade à favela. Uma visibilidade já possibilitada através da participação, em 2000, no projeto Caminho dos Direitos Humanos, coordenado pela ONG franco-belga “Inscrire”, visando assegurar a formação de crianças e adultos para a produção de azulejos aplicados nas paredes da favela. Para tanto, a iniciativa contou com o apoio da Comunidade Europeia e da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (Unesco).

Apesar destes primeiros momentos de troca, neste dia, a subida no Morro não aconteceu. Maurício conseguiu apenas nos levar ao local da ONG. Voltamos a campo com a professora Fátima na semana seguinte, desta vez de carro. Estacionamos na rua da Gamboa. Nesse dia, subimos até a Capela das Almas e logo chegamos ao Mirante do Cruzeiro, acompanhadas por uma moradora. Aplicamos questionários, definidos no âmbito da pesquisa coletiva, muitas vezes sentados numa pedra, ao lado das vias do bairro, ou em pé. Assim podíamos observar a circulação de crianças indo ou voltando da escola, ou cruzar com algumas mulheres que nos foram apresentadas como camelôs que trabalhavam na Avenida Rio Branco ou Almirante Barroso, no Centro. Sabendo que eu trabalhava, na época com vendedores de rua, Maurício ou outros “informantes” faziam questão de nos colocar em contato com pessoas que realizavam essa forma de trabalho. Voltei uma terceira vez ao Providência para aplicar questionários, cheguei pela estação Central do Brasil, acompanhada por Maurício, e entrei pela parte sul do Morro, pelo chamado “Sessenta”, nome de sub-bairro da favela

referindo-se ao número marcado em uma de suas entradas. Seguimos até a Pedra Lisa. No caminho, Maurício contou a história dessa parte do Morro:

Em 1968, houve um deslizamento de terra que soterrou mais de 50 pessoas, após este evento a atividade de extração de pedra foi proibida pelas autoridades e partes do Morro foram classificadas como áreas de alto risco, com recomendação formal de remanejar as moradias mais precárias. Em 1975, um segundo deslizamento ocorreu e causou a erradicação das casas localizadas perto da Praça Américo Brum. O fantasma da remoção torna-se cada vez mais presente no território do Morro e cria um clima de insegurança e medo entre os moradores (...) (Maurício, entrevista, Set. 2006).

A situação enfrentada ou temida pelos moradores estava sendo esclarecida, e era objeto de análise pelos pesquisadores do grupo.

Quase três anos se passaram na trajetória da Caterine sem visitas ao Providência, e a oportunidade do Colóquio “Cidade e Sustentabilidade: mecanismos de controle e resistência”, em 2009, permitiu reunir vários pesquisadores do FACI (brasileiros e estrangeiros) e demais convidados. Organizou-se uma visita em alguns campos de pesquisas, entre os quais, o Morro da Providência.

Nessa ocasião, durante a visita guiada por Maurício, fomos de Kombi de uma rua perto da Central do Brasil até a Praça Américo Brum. Visitamos, primeiro, a nova sede da ONG Favelarte: “A Casa Amarela”. Desde 2006, muitos acontecimentos marcaram o lugar. Ao longo do caminho, Maurício voltou a relatar de maneira sintética alguns deles, combinando eventos que têm ressonâncias diferentes no espaço da favela.

A ONG Favelarte conquistou o seu espaço de trabalho através da parceria com o famoso fotógrafo JR. As imagens testemunham o trabalho do artista com mulheres do Morro e no interior da sede da ONG.



Figura 2 - Capa do livro do artista JR com mulheres do Morro da Providência.



Figura 3 - Interior da sede da ONG Favelarte.
Fonte: Reginensi, 2009.

Maurício relatou que, a partir de 2006, o Exército ocupou o Morro, para assegurar as obras de construção de 80 casas no contexto do projeto “Cimento Social”, criado pelo ex-Senador Marcello Crivella. Configurado por uma parceria entre o Exército brasileiro e o Ministério das Cidades (Governo Federal), R\$ 12 milhões deveriam ser investidos em 12 meses. A presença de militares na favela gerou um conflito importante depois da morte de três jovens da comunidade, assassinados após terem sido denunciados por militares a traficantes de uma favela controlada por uma facção inimiga daquela que dominava o tráfico de drogas no Morro da Providência. As mães dos jovens mortos durante os confrontos receberam uma casa deste programa, como forma de indenização pelo ocorrido com seus filhos. Maurício acrescentou também que, no mesmo período, barracos foram “congelados”, ou seja, a Prefeitura os desapropriou e comprou parte de seu mobiliário para que o turista saiba como é uma moradia típica da favela. Se, por um lado, a Prefeitura buscava a sua legitimação através da organização de passeios turísticos e de uma política de conservação patrimonial, por outro, os moradores queriam aproveitar a presença dos turistas justamente para “mostrar ao mundo que o poder público não se importa com a favela”.

Desde a criação do Museu a Céu Aberto, registravam-se atos de violência que ameaçavam a entrada de turistas no Morro. Uma parede expressa essa violência comparando o Morro à “Faixa de Gaza”.



Figura 4 - “Faixa de Gaza”.
Fonte: Reginensi, 2009.

Seguindo o caminho em direção às chamadas casas *Cimento Social* ou do *Crivella*, tivemos dois encontros imprevistos: um com crianças que construíram uma mesa de *ping-pong* no beco e outro com uma mulher que, no seu barraco, organizou o seu ateliê de costura.



Figura 5 - Mesa de *Ping Pong* improvisada.
Fonte: Reginensi, 2009.



Figura 6 - Ateliê de costura.
Fonte: Reginensi, 2009.

Antes de despedir-se, Maurício falou da implementação da Unidade da Polícia Pacificadora (UPP), lançado no final de 2008 pelo governo do estado: o poder público municipal prometeu realizar novas obras para aumentar a acessibilidade no morro, como a construção de um teleférico interligando o morro ao restante do bairro. Isso foi oficialmente divulgado em 2010 com o “Morar Carioca”.

Durante minha estadia como pesquisadora visitante, entre 2009-2010, visitei outra vez o Morro da Providência, numa tarde, chegando de Kombi, fazendo de novo o percurso que tinha feito em Setembro de 2009. O barraco da costureira tinha sumido. A polícia estava presente de maneira permanente na favela, por meio do programa UPP, acompanhando a obra feita através do programa Morar Carioca. Com Maurício aventamos a possibilidade de outro trabalho de campo com alunos franceses de arquitetura.

Percorrer as múltiplas atuações na favela (Abril de 2012 e Setembro de 2013)

A oportunidade de trabalhar com alunos se materializou apenas em 2012. Assim, em abril, acompanhei duas estudantes de Mestrado envolvidas numa disciplina chamada “Imagens da Cidade”. O objetivo era realizar um trabalho de observação ao longo de um período de 20 dias, em dois espaços diferentes da favela. Dois locais específicos foram identificados: a Praça Américo Brum e sua vizinhança, e as casas do programa Cimento Social. Duas problemáticas diferentes foram expressas a partir das seguintes questões: De que maneira a remodelação do espaço público urbano pode ser entendida como uma promoção da imagem da cidade, entre questões locais e internacionais? De que maneira os assentamentos informais representam recursos utilizados pelos moradores, e podem ser analisados como fonte de (re)conhecimento, muitas vezes, desconsiderada?

Chegando ao local, somos forçados a mudar a nossa escolha, diante de obras de demolição da Praça Américo Brum. No seu lugar havia começado as obras de construção da estação do teleférico que ligará a Central do Brasil ao Morro, obra sob responsabilidade do programa Morar Carioca. O trabalho de campo foi, finalmente, desenvolvido, por uma das alunas, ao redor da Praça da Capela das Almas. A outra aluna realizou um levantamento nas casas *Cimento Social* localizadas ao lado da Rua da Gamboa, enquanto eu realizava entrevistas com os moradores dos dois locais.

Durante estes 20 dias de observação sistematizada, multiplicamos os percursos usando todos os acessos possíveis:

- Ladeiras do Barroso e do Faria, além da Rua Sacadura Cabral, Rua Barão de São Felix através da Rua Barão de Gamboa, ao noroeste;
- Para o nordeste, encontra-se um acesso à Praça Américo Brum, chegando de Kombi;
- Ao sul, pela Pedra Lisa e ao sudeste, pela Ladeira do Livramento;
- Ao norte, pelo Cemitério dos Ingleses e ao oeste pela Vila Portuária.

As alunas elaboraram um mapa de acessos ao Morro considerando três modalidades de percursos: a pé, de ônibus (transporte formal) e de Kombi (modo de transporte tolerado pelo poder público, embora informal).

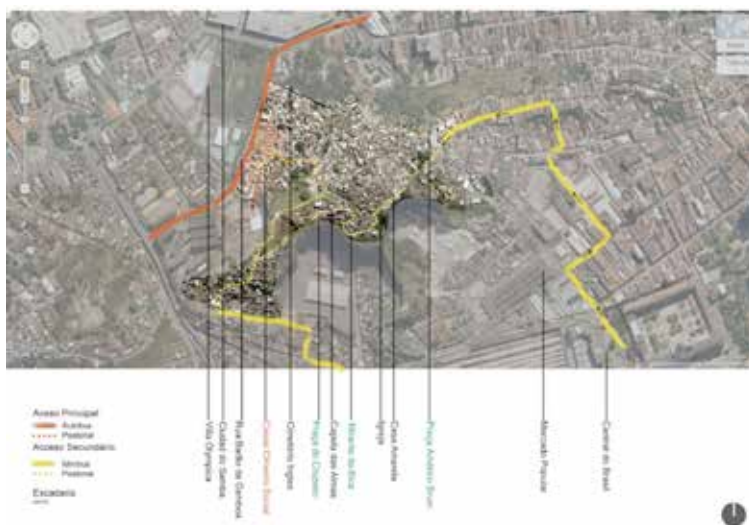


Figura 7 - Mapa dos acessos ao Morro.
 Fonte: Shan; Capdevielle, 2012.

Neste momento, a presença dos agentes de Unidades de Polícia Pacificadora facilitou a nossa circulação. As alunas foram rapidamente identificadas e não tinham medo de terminar as suas observações de noite. Do outro lado, o programa Morar Carioca, que deu início a marcação das casas que seriam demolidas, foi objeto de críticas contundentes e revelou outro cenário de violências e de medo, expresso por vários moradores, ligado à ameaça de remoções forçadas.



Figura 8 - Marcação da casa a ser demolida.
Fonte: Reginensi, 2012.

De uma maneira menos dramática, o trabalho de campo e os encontros – particularmente com crianças, ao meio dia ou ao final das tardes – permitiram aflorar formas inéditas de expressão, particularmente com o desenho do que chamamos de “o significado de viver na comunidade?”. Com outros moradores destacam-se os encontros realizados no momento das entrevistas, além de momentos extraordinários, tal como a festa de São Jorge na Praça, com a projeção de alguns filmes na parede, em frente da Casa Amarela.

Duas outras estadias no Rio de Janeiro contaram com novas visitas e percursos inéditos no Providência. Em abril de 2013, encontramos Maurício na Central do Brasil, subimos a pé até o Morro, pela escadaria, a fim de visualizar as obras não acabadas da estação do teleférico, construído no lugar da antiga Praça Américo Brum. Na ocasião, afastado dos movimentos de resistência em relação às obras do Morar Carioca, Maurício explicou a sua posição sobre essas intervenções. Ele sublinhou iniciativas de remoções arbitrárias de casas e expulsões dos seus moradores, os atrasos e os processos judiciais que obrigaram a Prefeitura a paralisar algumas obras em função dos procedimentos não realizados, mas necessários, como o estudo de impacto de vizinhança, especialmente. Maurício argumentou que seu problema com o teleférico era que “se a comunidade tivesse pedido isso [o teleférico], *não teria tido!*”, sublinhando um elemento central das relações entre o poder do estado e os favelados: a imposição de uma visão urbanística sem possibilidade de debate.

Ao longo do caminho, visualizamos o trabalho de artistas locais ou estrangeiros, estes cada vez mais presentes na favela, expondo obras que servem para a reflexão do Morro e de seus moradores. Entre esses estrangeiros destaca-se o trabalho do artista português Alexandro Farto (Vhils), que iniciou o seu percurso pintando grafites nas ruas de Lisboa. Depois de se mudar para Londres, em 2007, o seu trabalho ganhou visibilidade internacional³. No Morro da Providência, Vhils propõe uma intervenção que “*pretende prestar uma homenagem ao forte espírito comunitário que caracteriza a vida no Morro da Providência, através da representação de alguns de seus moradores*” (Extrato do cartaz, 2011). O projeto de intervenção chamado “Descascando a superfície”, foi realizado de setembro a outubro de 2012, envolvendo Laércio Costa, Maurício Hora e moradores. Depois do convite do diretor de produção Laércio Costa, Vhils e “*sua equipe foram guiados por Maurício Hora durante cerca de um mês, conhecendo moradores, ouvindo e recolhendo suas histórias, partilhando suas memórias, sonhos e preocupações*” (Extrato do cartaz, 2011). Ao final, foram escolhidas cinco pessoas, cujas habitações já tinham sido demolidas ou marcadas para serem removidas pelo programa Morar Carioca. A técnica original de escavação do artista⁴ transformou poeticamente as paredes, como superfícies que se referem à vida cotidiana dos moradores. A proposta considera a memória como uma narrativa em movimento, a cidade como matéria-prima. A relação entre indivíduo e seu entorno é moldada na reciprocidade e, dessa forma, gera uma reflexão crítica sobre o meio urbano, as relações socioeconômicas e seus impactos.



Figura 9 - Técnica original de escavação do artista Vhils.
Fonte: Reginensi, 2013.

Em setembro, o Festival Art Rua 2013 apresentou a ideia de seguir o caminho proposto: da Praça Mauá até o bairro da Gamboa, seguindo a Rua Sacadura Cabral. Inserido no projeto de revitalização do Porto, o festival se apresenta como muito mais que uma exposição a céu aberto: “[...] é um movimento de revitalização urbana através da arte. Um movimento que se propõe a fomentar, divulgar e valorizar a cultura urbana a partir da segunda grande exposição da intervenção artística que aconteceu nos arredores da zona portuária do Rio de Janeiro.” (Folheto distribuído na entrada dos Galpões da Gamboa, indicando que era a segunda vez que esse evento se produzia com sucesso).

Durante quatro dias (5, 6, 7 e 8 de setembro de 2013), o festival organizou-se com exposições, palestras, performances e shows. Realizei o percurso sábado à tarde, sem o folheto e o mapa que recuperei na chegada pela Rua da Gamboa. Um percurso de aproximadamente 40 minutos e uma visita aos galpões me conduzem a destacar vários elementos que possibilitam uma outra maneira de enfrentar os trajetos feitos anteriormente.

A possibilidade inédita de caminhada a pé, numa área que tentei atravessar 10 anos atrás, muitas vezes com medo, indo da Cidade do Samba até a praça Mauá, na época, antes da “pacificação”, uma travessia perigosa. Porém o lugar continua sendo pouco frequentado por pedestres, mas os arredores com a presença de novos equipamentos (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAR, o Píer Mauá como lugar de exposição onde neste mesmo período acontecia uma feira de arte contemporânea, o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos) modificam a percepção do espaço da rua. Chegando a esquina da Rua da Gamboa com a Cidade do Samba, a estação Gamboa do teleférico marca o espaço. Antes parei numa lojinha para comprar água e a comerciante me explicou que há mudanças, mas que a sua loja, quando chove, fica alagada. Além disso, uma rua adjacente à Rua Pedro Ernesto, revela um outro ambiente em meio a esse espaço em mudança, no qual os usuários de crack, sentados no chão, lutam pela sobrevivência. Ao longo do caminho, os edifícios estão em mal estado e somente no térreo, em alguns deles há uma ocupação comercial (barzinhos ou lanchonetes fechados, na maioria). Os grafites e pichações cariocas, expressões de uma cultura híbrida (SILVA E SILVA, 2011), deixam sua marca na renovação urbana nessa rua. A minha surpresa chegando ao espaço dos Galpões, foi de ver que suas obras são chamadas de *Live Painting*.

A imagem de um lugar a se apropriar. De fato, os galpões representam duas áreas: a de fora, mostrando as obras, performances sendo feitas, oficinas de dança, grafite com crianças do Morro, e a de dentro, de espaços com obras

ou a convidar para comprar camisetas, bonés (a Loja Redley de Ipanema está presente e oferece um serviço de transporte gratuito da Gamboa para Ipanema) ou bares, restaurantes. Uma imagem constituída por uma colagem do Morro da Providência visto de baixo para cima ficou gravada na minha memória.



Figura 10 - Morro da Providência, visto da Vila Olímpica da Gamboa.
Fonte: Reginensi, 2013.

Na saída, o transporte para voltar para a zona sul da cidade não foi encontrado, esperei mais de 45 minutos para achar um ônibus.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O APORTE DESSES PERCURSOS: ENTRE CRUZAMENTOS ESPACIAIS E TRAVESSIAS (IM)POSSÍVEIS

Os numerosos caminhos seguidos no espaço da favela durante estes oito anos permitiram confrontar os nossos olhares “de fora”, inicialmente elaborados a partir de uma base conceitual e teórica que foi, necessariamente, evoluindo, na medida em que encontramos situações e pessoas, identificamos processos acontecendo e questionamos lógicas sociopolíticas. A materialização, no local, das categorias formal/informal, foram sendo questionados à luz de novos distanciamentos. As posturas e os procedimentos metodológicos foram,

em seguida, alimentados de outras ferramentas, entre as quais os percursos nos permitiram, ao solicitar encontros e expressões novas (desenho de crianças, encontros e discussões “andando”), destacar realidades que não apareceram nas entrevistas formais desenvolvidas no início da nossa investigação, em 2006.

Considerando que um dos propósitos das intervenções públicas nessa favela era de atrair turistas interessados em conhecer as condições de vida e de moradia em favelas, procuramos identificar a posição dos moradores sobre essa questão (por meio de pesquisa com aplicação de 93 questionários, tanto na área que se beneficiou do Programa Favela-Bairro como na Pedra Lisa, que foi delimitada zona de risco, em 2006). Os dados produzidos mostram que 75 pessoas consideravam de maneira positiva a visita de turistas no morro e 54 pessoas declararam que a visita/presença desses turistas no local poderia mudar a sua vida cotidiana, através do aumento da visibilidade que a favela passaria a ter com essas intervenções de ampliação/reconstrução da infraestrutura local (provimento de água potável, pavimentação, etc.). Cabe mencionar aqui que, da perspectiva de incremento da economia local apontada pela Prefeitura, poucos elementos concretos foram elaborados até hoje. Não parece haver ainda muita clareza sobre o que é, ou foi, de fato, o “Museu a Céu Aberto”. Alguns visitantes chegam ainda hoje, no alto do Morro da Providência perguntando onde está o Museu, na expectativa de encontrar uma construção física, materializando um espaço de visitação. Moradores queixam-se de que o Prefeito, da época, havia prometido construir um Museu, o que nunca aconteceu. Para além do entendimento que turistas e moradores possam ter do empreendimento, o que o agente promotor pretende viabilizar neste caso era a venda da tradição, do patrimônio e da autenticidade. Mundo afora, museus a céu aberto são formas híbridas que mesclam características dos museus convencionais com espaços abertos, em que narrativas próprias aos museus interagem com a paisagem para construir representações do patrimônio geográfico de localidades específicas de forma condensada. No caso da Providência, o agente promotor buscava, através desta iniciativa, vender a favela – sua paisagem, arquitetura, objetos e pessoas – não como entidade complexa no presente, mas como significante de tempos passados.

De fato, nos percursos realizados a pé dentro da favela, em 2006, nunca ouvimos falar desse Museu, quando na realidade atravessamos fisicamente a galeria a céu aberto, que segue uma demarcação no cimento do chão que vai até a praça da Capela das Almas, passando por dois mirantes. Dos primeiros encontros em 2006 até o trabalho de campo de 2012, sentimos a necessidade

de cruzar as observações e de refletir sobre uma metodologia que pudesse dar conta da dinâmica social e captar a voz dos indivíduos e grupos, atuando no local em contexto de presença policial (UPP). Tentando resgatar os posicionamentos através da fala dos entrevistados, a desconfiança foi o aspecto que, finalmente, apareceu nos discursos (especialmente dos “nativos”), de forma que várias dimensões podem ser discutidas, a partir das entrevistas: primeiro, a ligação entre os projetos na área do porto, no âmbito da Operação Urbana Consorciada Porto Maravilha, desenvolvida no entorno da favela, e as obras do Morar Carioca permanece vaga, mas encontram-se numa mesma lógica de “valorização”, cujas consequências não são unicamente positivas para os atuais moradores. Em segundo, a questão da renovação urbana implementada pelos programas Favela-Bairro e Morar Carioca, no melhoramento da infraestrutura urbana da favela, permite pensar na perspectiva de um aumento dos preços da terra e dos aluguéis, levando à expulsão dos mais pobres. Nesse contexto, a presença da polícia, via UPP, pode ser pensada apenas como uma ferramenta utilizada pela Prefeitura que prefigura as ambições por um melhoramento que dissimule uma limpeza social da pobreza. O que vai acontecer quando a polícia sair? De alguma forma, a UPP é, hoje em dia, considerada por muitos moradores como um agente que vem reconfigurar os poderes locais. Ela vem não somente fragilizar a dominação dos narcotraficantes, mas também permite a emergência de novos agentes de poder, invisíveis, que recompõem os arranjos com forças policiais e política corruptas. O papel “pacificador” da polícia é alvo de críticas e cria tensão no dia a dia. Finalmente, é importante notar que os serviços que regulam o acesso à água e à energia elétrica também são criticados. Embora a maioria das pessoas aceitem pagar contas, os moradores apresentam crítica em relação aos critérios da tarifa social, que não são claros, e que, especialmente, consideram que o valor cobrado não é justo. As queixas são cada vez mais numerosas, tanto no Providência quanto em outras favelas, entre elas o Santa Marta (MELLO; CUNHA, 2011: 392). Essa situação permite entender o surgimento de novos conflitos na metrópole carioca.

Neste contexto, como criar arenas que permitam que a palavra dos moradores se afirme sobre o que está acontecendo no Providência? A constituição de “coletivos de confiança” (SILVA, 2008: 28-33) ajudaria? Não experimentamos este método, mas poderia ser uma pista, já que temos percebido, em múltiplas situações, que os encontros, fora do Morro, com moradores, permitiam uma liberdade de expressão maior.

Sobre o papel das experiências com artistas, acadêmicos e moradores, vale ressaltar o trabalho de uma equipe, em Marselha (França), envolvendo sociólogos

e artistas, que encontrou um lugar dentro da esfera pública emergente da Rua da República, constituída por atores do bairro (pessoas mais ou menos envolvidas, ativistas políticos, representantes de instituições, etc.). Isso nos permite apontar um outro olhar sobre as transformações urbanas na comunidade de pesquisa e o benefício de uma experiência reflexiva (BORJA et al, 2010). No exemplo francês, os pesquisadores evitaram a postura denunciante, tentando acompanhar aqueles que lutavam, colocando-se do lado deles.

Este deslocamento do olhar do especialista ou acadêmico permite considerar em si a singularidade de cada ação e tornar visível às pessoas – tanto os moradores que ficaram quanto aqueles que foram obrigados a sair diante da destruição das suas casas –, considerando-lhes como sujeitos da sua própria história. Nesta perspectiva, a contribuição de Catherine Neveu (NEVEU, 1997), especialmente o conceito de “cidadania plural” desenvolvido no seu trabalho, torna-se importante. A cidadania plural está baseada em três dimensões: social, política e espacial. A análise da cidadania plural de cada sujeito político requer uma melhor compreensão das interações sociais e espaciais entre uma infinidade de formas de pertencimentos e de compromissos, com base em diversas referências. Isso requer levar em consideração as articulações de escala e de ações (local, metropolitana, nacional, transnacional, incluindo a migração) em que os sujeitos estão inseridos, bem como as suas diferentes filiações (social, étnica e territorial) e os seus registros de identidade.

Os percursos aqui descritos e elaborados como experiências e ferramentas metodológicas, materializam uma cartografia definida como expressão e materialização da ação social, uma cartografia que vem apoiando a ação. Uma cartografia feita com recursos técnicos mínimos, como a leitura que os sujeitos têm do espaço. Não se trata de uma simples espacialização da ação, é uma apropriação do espaço, “é fazer navegação [...] é uma cartografia voltada para o sujeito para que ele se oriente no espaço” (RIBEIRO, 2012: 10). A cartografia se elabora nas experiências no campo de pesquisa, mostrando, a partir de algumas falas, de eventos, de reivindicações, como acontecem os trajetos no espaço. Nessa leitura do espaço, Ana Clara Ribeiro (RIBEIRO, 2012) sublinha a dificuldade de incorporar o tempo. Esta cartografia, tal como os percursos que fizemos, não consegue dar visibilidade a apropriação “efetiva” do espaço. Poderia ser complementada com uma abordagem a base de critérios e de indicadores construídos no cruzamento entre as percepções dos atores e as construções dos pesquisadores. Esta colocação abre novas possibilidades de intervenção no campo de uma atuação acadêmica ancorada nos caminhos e nos percursos do cotidiano.

COURSES AND CROSSINGS IN THE FAVELA MORRO DA PROVIDÊNCIA: CHALLENGES OF THE SOCIAL AND SPATIAL INTERACTIONS IN THE FORMAL/INFORMAL GAME

ABSTRACT

This contribution proposes a reflection around the research field, whose realities in movement are approached starting from different postures and academic backgrounds - i.e. anthropology and geography -, each one constituting a specific moment in the construction of the research object. Along eight years of encounters and of crossings made by the authors individually or together in the favela Morro da Providência in Rio de Janeiro, we intended here to present the evolutions of our concerns that reflect transformations in the interests and modes of observation, as well as the major changes in the sociopolitical situations faced by the actors, they being residents, public institutions or representatives of social movements. This approach allows contributing for a methodological tool whose ambition is to identify some material and immaterial transformations in the daily urban life of the area, and, in a more inclusive way, describe the different modalities of individual or collective appropriation of space.

Keywords: Courses. Games of power. Social and spatial interactions. Morro da Providência.

NOTAS

¹ Essa pesquisa, realizada em 2006, foi coordenada pela professora Alice Rouyer (Laboratório LISST-CIEU da Universidade de Toulouse – Le Mirail) e desenvolvida, no Brasil, sob a coordenação da professora Maria de Fatima C. M. Gomes (FACI/ESS/UFRJ) com a participação da profa. Catherine Reginensi, da Escola de Arquitetura de Toulouse (França), do prof. Nicolas Bautès, da Universidade de Caen (França) e do prof. Rafael Soares Gonçalves da PUC/RJ.

² Confira o relato do trabalho de campo no Blog: <<http://www.catreg.blogspot.fr>>.

³ Disponível em: <<http://alexandrefarto.com/>> Acessado em set. 2103.

⁴ Maurício explicou a técnica durante a caminhada: A ideia é esculpir imagens, em sua maioria rostos, utilizando martelo, espátula, furadeira e, em alguns casos, até explosivos. A partir desses retratos o artista tenta captar histórias, memórias e preocupações das comunidades urbanas.

REFERÊNCIAS

AGIER, M. *L'invention de la ville*. Banlieues, townships, invasions et favelas. Paris: Editions des Archives contemporaines, 1999. 176 p.

BAUTES, N. *Para Além do Espetáculo: resiliência e desvios em torno de um projeto de valorização de favela*. In: GOMES, M. F. C. M.; FERNANDES, L.; MAIA, R. (Orgs). *Interlocações Urbanas: cenários, enredos e atores*. Rio de Janeiro: Arco-Íris, 2008, p. 111-121.

BORJA, J. S.; DERAÏN, M.; MANRY, V.; GALMOT, C. *Attention à la fermeture des portes!* Marseille: Editions Commune, 2010. 288 p.

BRENNER, N.; THEODORE, N. *Neoliberalism and the urban condition*. City, vol. 9, nº1, p. 101-107, April 2005.

Extrato do Cartaz. Ladeira do Barroso - Morro da providência, Projeto realizado com patrocínio do Governo do Rio de Janeiro e da Secretaria do Estado de Cultura, Edital Artes Visuais, 2011.

HART, K. *Informality: The problem or the solution?* World Bank PSD Forum, Washington DC, April 4-6, 2006 [<http://www.thememorybank.co.uk/papers/informality>]

HARVEY, D. *Géographie de la domination*. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2008. 118 p.

MELLO, M. A. da S.; CUNHA, N. V. da. *Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização da favela*. Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle social, vol.4, nº 3, p. 371-401, 2011

NEVEU C. *Anthropologie de la citoyenneté*. In: ABÉLÈS M.; JEUDY, H.-P. (Orgs.). *Anthropologie du politique*. Paris: A. Colin, 1997. p. 69-90.

PERALDI, M. *Cabas et containers. Activités marchandes informelles et réseaux migrants transfrontaliers*. Maison méditerranéenne des sciences de l'homme, Paris: Editions Maisonneuve et Larose, 2001. 361 p. REGINENSI, C. *A la rencontre des vendeurs ambulants et autres informels*. Saarbrücken: Editions Universitaires Européennes, 2012. 288 p.

REGINENSI, C. *Etnografia urbana de atividades de comércio e serviços informais no Rio de Janeiro: práticas e estratégias, novas formas de pobreza e iniciativas inovadoras?* Relatório final. Pesquisadora Visitante FAPERJ. Processo nº. E-26/101.329/2009. 31 de Outubro de 2010. 168 p.

RIBEIRO, A. C. T.; BIASE, A. de. *Entrevista com Ana Clara Torres Ribeiro*. Revista Redobra, Salvador, Bahia, nº 9, p. 9-22, 2012.

SILVA E SILVA, W. da. *Graffitis em múltiplas facetas*. Definições e leituras iconográficas. São Paulo: AnnaBlume, 2011. 129 p.

SILVA, L. A. M. da. (Orgs.). *Vida sob cerco*. Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 316 p.

VOLVEY, A. Terrain. In: LEVY, J.; LUSSAULT, M. (Dir.). *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, 2003. p. 904-906.